



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

28 de Janeiro de 2012 • Ano LXVIII • N.º 1771

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

MUITAS são hoje as famílias forçadas a entregar a sua habitação ao banco que as financiou na sua aquisição, por terem perdido o trabalho, o único meio que tinham para poder cumprir com a mensalidade estabelecida. Esse sistema de empréstimos, que parecia abrir a porta da realização de sonhos, tornou-se hoje para tantas, um pesadelo.

Se já não é pouco não poder angariar o sustento, ter de abandonar o ninho construído com esforço e amor, o espaço da intimidade de cada um, é contra a natureza humana e a própria vida em sociedade.

Foi há quinze anos que a ajudáramos na construção da sua casa, cobrindo o custo da telha. Passados estes anos voltou, agora mais aflita, porque para a construção contara também com dinheiro emprestado por um banco. Estando o casal, de há alguns meses a esta parte, sem emprego, não conseguiram nesse período os meios para calar o banco que, por três meses ameaçou e finalmente despachou o caso para tribunal.

Ela veio pesarosa, sem conseguir disfarçar as lágrimas, pelo medo de perder a sua casa, o sonho que se tornou realidade mas agora em vias de se esfumar

numa ilusão. Tantas foram as ilusões espalhadas por vendedores de sonhos, sem seriedade, e compradas sem o uso de bom senso!

É certo que ainda lhes faltam alguns anos para que liquidem a dívida, mas a luzinha que se acendeu com o trabalho que o marido agora arranjou, deu-nos ânimo para os ajudar. Estas realidades também nos doem, e provocam alguma revolta, porque se de um lado houve falta de rigor, do outro faltou alguma moderação. Será que o bom senso, que equilibra a vida, ainda voltará a formar as consciências e mentalidades?

Como os nossos Amigos assidentes sabem, temos andado a actualizar o respectivo ficheiro para a expedição d'O GAIATO. Não queremos que nenhum exemplar do nosso Jornal se perca, mas que todos cumpram a sua missão. Deixo de seguida um testemunho que muito nos enteneceu, refletindo o amor que Pai Américo semeou no coração de tantos e tantas, que a nós cabe prolongar «até ao fim do mundo».

«Com as minhas saudações, venho comunicar o seguinte: Há poucos dias, bateu-me à porta uma senhora de 85 anos, triste e preocupada, trazendo consigo a



Será que o bom senso, que equilibra a vida, ainda voltará a formar as consciências e mentalidades?

carta que anexo para facilitar a identificação.

Mostrava-se muito envergonhada, e pediu-me instantemente que explicasse aos senhores por que aconteceu não terem pago. É que o marido, mais velho que ela, nunca se lembrou disso. E, então, entregou-me o que já enviámos, por transferência bancária...

Também quero que 'ouçam', em discurso directo, as palavras com que se despediu: "Diga aos srs. Padres que me perdoem e que, por favor, não suspendam o jornal que traz coisas tão lindas e que eu leio sempre do princípio ao fim. Às vezes até choro, disse e repetiu várias vezes!" (Assinante 48908). □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

NESTA quinzena realço dois encontros que mais me marcaram. Primeiro é de um casal, ele e ela com uma criança nos braços e um papel na mão. À frente da nossa casa o sol batia em cheio dando vida e beleza ao jardim.

— Temos três filhos, dois já andam na escola e, agora, nasceu-nos esta criança. Ontem, foram para nos cortar a água e eu não deixei. Nós não podemos viver sem água, Sr. Padre. Os mais velhos não podem ir para a escola a cheirar mal, a criança precisa de tomar banho todos os dias e nós, ao menos, uma vez por semana.

Eu trabalho num lar de idosos, ganho quatrocentos e poucos euros, continuava ela. Interrompendo-a, o marido acrescentou: Faço um curso no centro de Emprego e recebo duzentos euros. Pagamos de renda trezentos e cinquenta euros. Depois a luz, o gás e a água são mensais. Tivemos um filho doente e a farmácia comeu-nos toda a economia. Nisto, ela volta de novo: Não fomos capazes de pagar a água, eu não deixei cortá-la.

A cara, os modos, a forma de vestir e de falar, a dignidade revelada, confirmavam a sinceridade dos lamentos e a verdade do pedido.

Passei um cheque de 172,36 €, a Águas do Sado.

O casal manifestou-se tão agradecido, tão contente e tão fora de si, que eu também bendisse a Deus e lhe recomendei como faço sempre: *Agradeçam a Deus porque este dinheirinho procede sempre do Seu Amor.*

Há dias que andava consternado por não ter acudido, como devia, outro casal que me apareceu ainda em piores circunstâncias e, com a pressa, não tomei nota da sua morada, por me parecer algo de menos verdadeiro nas suas afirmações e despachei-os com um «não tenho nada que vos valha». O pobre que vem ter comigo é sempre mensageiro de Deus. E esta verdade, obriga-me não só ao discernimento, mas também à delicadeza. A gente quase nunca dispõe de tempo e a pressão é de tal ordem que também nos apanha interiormente. A atitude grata do primeiro casal aliviou-me a pressão e consolou-me.

O segundo, é o encontro com duas senhoras, que esperaram por mim várias horas. Uma delas, a mais gorda, já tinha sido ajudada várias vezes. Eu tomo nota para me guiar e fazer o bem, bem feito. A outra, não.

Um gaiato viera avisar-me: «Olhe que há ali qualquer coisa escondida. Veja lá.»

Um homem prevenido vale por dois.

A senhora apresentava-se chorosa, puxando a gola do casaco para cima das faces e aparentando nos olhos semi-escondidos, algum sofrimento:

— Peço-lhe ajuda para a renda da casa. O meu marido foi para Angola há muito tempo e nunca mais me disse nada. Eu devo três meses ao senhorio que não me larga a porta.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

A força dos débeis

PARA amenizar a dor física e curar certas doenças, durante os últimos decénios tem havido notórios progressos científicos e tecnológicos. É bem preciso fazer o possível para superar o sofrimento, que está intimamente ligado à criatura humana.

Santo Agostinho explica-nos que sofremos o que falta da nossa parte à paixão total de Cristo. As curas de Jesus são testemunhos relevantes de que a entrada pessoal de Deus na história dá sentido à dor e pode-nos ajudar a suportar e libertar dela, pois está próximo de nós, como fez na Cruz.

A confiança no Homem das Dores é decisiva para evitar o vazio do padecimento. Isto mesmo nos foi transmitido com coragem, por entre doçuras e agruras natalícias. Quem acredita nunca está sozinho!

Pedimos então licença para estender mais longe a angústia desta confidência que vos deixamos: «Estou a viver com uma doença grave. Tenho dois tumores. Perante esta situação e o tratamento de quimioterapia que me põe de rastos, venho pedir-

vos que rezem por mim. Porque sei que só o Senhor me poderá ajudar. Conto convosco.» Diante da dureza e crueza desta súplica, ficamos em silêncio, mas não mudos e chegadinhos à pedra de Ara, na esperança de que se levante este coração torturado pela dor.

O sofrimento inocente é uma realidade inexplicável, mas que não pode ter a última palavra. Nos acontecimentos difíceis, a pessoa humana não é abandonada pela Providência, antes se identifica mais com o Dilacerado, que deu a Sua própria vida pela humanidade.

Com as mãos e a mente, tem havido um caminho de paixão e sabedoria na cura e tratamento dos males e feridas humanas. A saúde ou a melhoria da qualidade de vida, quando é possível, é um bom sinal da importância do corpo humano como espaço de graça.

Continua na página 3

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

SER POBRE PARA SABER CUIDAR DOS POBRES — Que me lembre, nos últimos tempos foram três pessoas das que ajudamos que vieram ter connosco para nos devolverem dinheiro que lhes tínhamos “emprestado” em momentos em que precisavam muito disso. Em dois casos foram quantias relativamente pequenas. Noutra caso foi uma quantia bem maior.

Não acontece sempre isto. Há mesmo as situações no outro extremo em que pessoas que ajudamos não só não devolvem nada do que receberam quando chegam a situações em que o podem fazer, como preferem andar a dizer mal de nós.

Isto fez-me lembrar uma coisa que já aqui referi por mais do que uma vez. É preciso ser pobre para se saber cuidar bem dos pobres. Não se pode andar nisto à espera de nenhuma retribuição seja de que género for. Não se pode andar nisto à espera que as pessoas retribuam materialmente o que lhe possa ter sido dado. Não se pode andar nisto à espera que as pessoas que são ajudadas, ou que a sociedade em geral, retribuam com uma palavra de apreço. Não se pode andar nisto para ganhar dinheiro, ou prestígio.

Infelizmente não é sempre assim que acontece. Nestas coisas da acção social há quem ande com atitudes de rico, ou até para ficar rico. Entre os Vicentinos há quem ache que só se é Vicentino quando se tem algum dinheiro, ou outras coisas materiais para levar a casa do pobre. Se não há dinheiro, ou outras coisas materiais para levar aos pobres, aqui d'el Rei porque as coisas estão a correr muito mal na Conferência. Isto é uma atitude de rico.

Também entre os Vicentinos e não só há os que andam nisto à espera que um dia, senão os pobres, pelo menos os outros Vicentinos ou a sociedade em geral lhes agradeçam e lhes façam uma homenagem. Quando isso não acontece ficam zangados. Há mesmo os que andam nisto para correrem atrás da fama, ou como trampolim para posições de poder na política e noutras instâncias. São atitudes de rico.

Depois há as atitudes de rico no sentido mais literal do termo. São, por exemplo, os que andam nas instituições e em projectos de solidariedade social para ganharem bom dinheiro e outros benefícios indevidos. Há quem ande nestas coisas com carros topo de gama e com outras mordomias obtidas à custa dessas instituições. Não pode ser.

Quem conhece este mundo sabe que infelizmente isto acontece. Não se podem permitir estas situações. Cada um de nós que anda nisto não pode cair nestas tentações. Também não podemos deixar que outros o façam. Não podemos deixar que as instituições e os projectos de solidariedade social sejam capturados por quem está neles para daí tirar benefícios indevidos sejam eles materiais ou outros. Quando Cristo viu que o Seu Templo tinha sido apropriado por vendilhões foi violento. Fez um chicote e expulsou-os de lá. É preciso ser pobre em espírito no sentido em que Cristo o disse para se saber cuidar bem dos pobres.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa,

A/C Jornal O Gaiato,

4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt. Telem.: 965464058 □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

JANTAR DE NATAL — Foi no sábado, dia 10 de Dezembro, pelas 20H00. Mais uma vez, foi na zona de Penafiel, no mesmo restaurante, do ano anterior. Os perto de 100 associados e familiares que se associaram a este evento quiseram vincar com a sua presença, esta quadra tão propícia a fortalecer os laços fraternais que nos ligam e se reforçam a cada ano que passa. Neste Natal, recordamos com saudade, a ausência física do nosso querido Padre Carlos que esteve connosco no jantar do ano anterior. Sentimos o aconchego da sua presença espiritual, o que nos anima a continuar, apesar das preocupações que os sinais destes novos tempos materialistas nos inquietam amiúde.

Como já é hábito, cada um tinha uma prenda simbólica para a troca de presentes, no fim do jantar, abrilhantado e encerrado em beleza pela nossa tocata já muito bem ensaiada pelo nosso Presidente Miguel.

ACTIVIDADES — Temos mais alunos, na nossa escola de música, assim como na escola de pintura. Se tiveres gosto e vontade de aprender, vem até à nossa sede às sextas e sábados à noite. Esperamos por ti.

A nossa Tocata fruto da qualidade dos seus executantes, já bem afinados pelo Miguel, começa já ser convidada para abrilhantar alguns eventos, nomeadamente da festa dos funcionários do Hospital Padre Américo. □

MALANJE

Fernando Catete

O NATAL — Estou a escrever para dizer como foi o nosso Natal. Foi festa do grande encontro.

O Pai faz-se Emanuel, Deus-Connosco, para sermos filhos. E verdadeiramente irmãos uns dos outros.

Quem dera nos sentíssemos sempre membros da grande família Gaiata. Nascida da Obra da Rua, fundada pelo nosso querido e inesquecível Pai Américo.

Conheço a Obra desde os meus 8 anos de idade. Tive o privilégio de passar por todas as Casas, menos a de Moçambique, mas o sonho é de um dia a conhecer. Desde então, sempre passei o Natal em nossas Casas, junto dos senhores Padres, colegas e irmãos gaiatos.

A pesar de alguns intervalos fora da casa, nunca me senti como um antigo gaiato, sempre transporte o espírito de gaiato, seus Padres e seus obreiros. Agora, encontro-me de regresso à nossa Casa de Malanje, por onde comecei. Aqui vou ficar, para ajudar aos meus Pais: Padre Telmo e Padre Rafael e aos meus irmãos gaiatos. Noto e reconheço que a Casa precisa da minha colaboração.

Já há alguns anos que não tínhamos bacalhau nas nossas refeições de Natal, mas graças a Deus, neste Natal, tivemos uma refeição bem recheada, através da empresa MIAMOP, representada pelo seu Excelentíssimo Doutor Monteiro Campunga.

A alegria foi maior quando está-

vamos à mesa a ver os nossos rapazes alegres e saboreando a deliciosa refeição. Ficámos contentes ao vê-los felizes. Todos os Rapazes agradecem, com amor e alegria, o gesto da empresa MIAMOP, na esperança de que se repita também por outras entidades.

Contávamos todos nós com a prenda de um motor para o nosso mini-autocarro *Hyundai*, com o nº do motor D4AF8-346492, Modelo 2724CONTRY-3.00-3,16-2006, porque já se está a aproximar o tempo de aulas e não sabemos como vamos transportar os nossos Rapazes para a escola. Por isso, deixo o meu apelo a toda gente de boa vontade para que nos ajude.

A todos os nossos Leitores, Amigos e benfeitores da Obra, desejamos um feliz Ano Novo cheio de prosperidade. □



Aqui é Malanje!...

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGRADECIMENTOS — A todos os nossos amigos e amigas que nos visitaram e se lembraram de nós na quadra natalícia, agradecemos muito a amizade, o carinho e a partilha.

Bem hajam!

ÁGUA — O problema da falta de água no poço e na fonte está resolvido. Assim, havia uma perda de água numa tubagem ao lado do campo de ténis, que foi reparada a 9

de Janeiro. Isto alegrou muito toda a nossa Casa, pois a água a cair na bica é um bom sinal!

ESCOLAS — O 2.º Período de aulas para os nossos estudantes teve início a 3 de Janeiro. Os resultados das avaliações, desde ao 1.º ao 12.º anos, em geral, foram satisfatórios. Mas, é preciso mais empenhamento!

AGROPECUÁRIA — Tem chovido pouco, o que faz falta, e o tem-

po tem estado muito frio. A 10 de Janeiro terminou a sementeira da aveia, no olival dos poços, depois de se terem semeado os campos à volta da nossa Casa. Depois, começaram-se a podar as árvores de fruto do pomar e as latadas de uvas de mesa, a que se seguiram as fruteiras atrás da Escola e outras junto à casa nova. Colheram-se os kiwis e o resto das tangerinas. Cortaram-se os vimes para amarrar as videiras. E fresou-se o pomar. □

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — 7 de Janeiro de 1940. Dia em que Pai Américo fundou a Obra da Rua, a Casa do Gaiato, a Família para os sem família. No mesmo dia, no mesmo mês, mas em 2012, depois de duas semanas parados por causa da quadra natalícia, o nosso Grupo Desportivo voltou às suas actividades, com o seu primeiro treino. Infelizmente — digo eu — não compareceram todos. Por incrível que pareça, continuamos a arranjar desculpas esfarrapadas que, quem não souber o que se passa, até fazem crer... e parecem demonstrar bom senso. Outros, num passado recente, assim não pensavam. Por isso, hoje, adoram o que se publica... mas que para isso, foi indispensável a presença viva nos

treinos e nos jogos de alma e coração. Podíamos citar alguns nomes; mas é melhor não, para já!

Ouvimos e lemos frases como: «Grande Família» «Que tempos!...» «Faço... para que todos recordem aqueles tempos e aquela grande equipa» «Fui identificado nesta e naquela foto» «Olha quando eu era mais pequeno», etc., etc. Só é pena, nalguns casos, se dê fé do que somos, do que podiam ser — e não são — quando por este ou por aquele motivo, já não se está debaixo das telhas que, há 72 anos, em Miranda do Corvo, Pai Américo pensou e começou a construir para que nós tivéssemos o que muitos gostariam de ter e não têm: Um Família.

Ainda há dias, a conversar com alguém bem nosso conhecido, ele me dizia: «...eu fui criado com os meus pais e nunca tive tanto como vocês aqui têm...» E é verdade!

Apesar de não terem aparecido todos ao treino, vamos dar início à 2.ª Volta do nosso campeonato. Vamos, com o esforço de todos, tentar dar continuidade ao ciclo de vitórias que tivemos em 2011; vamos, com todo o gosto e prazer, defender o emblema que nos identifica como verdadeiros filhos de um Pai que, tudo fez e que deixou nos seus continuadores a ideia firme de: «Fazer de cada Rapaz um Homem». Não é fácil! O facilitismo e as más influências são, por assim dizer, o reverso da medalha. □

OS IDOSOS

Padre João

ESTE não deixará, tão depressa, de ser tema de debate ou mote noticioso. Os idosos continuam, pelas tormentas que passam — agora mais agravadas — a merecer especial atenção... Ontem, à noite, a Renascença noticiava a morte de mais dois idosos, isto em pleno Alto Minho, Vila Nova de Cerveira e Monção. Podia ser, é certo, noutra lado qualquer deste país envelhecido... As zonas geográficas atingidas por esta calamidade são cada vez mais extensas em números e qualidade dos factos. As causas que vitimam os idosos são as mesmas: vivem sozinhos e isolados.

No Minho, das festas e do folclore, das romarias sumptuosas que cadenciam o ritmo da vida e das estações com alegria e encanto tão necessário à vida... coisas destas desfeiam! Lá e por cá, obviamente. A notícia continua com uma constatação que é

também comum: «já não eram vistos pelos vizinhos há vários dias...» O ano passado, continua a notícia, a GNR identificou mais de 15 mil e quinhentos idosos a viverem sozinhos. Muitos deles ligam, com frequência, aos militares da GNR, na maioria dos casos, só para sentirem companhia...

Esta ausência de proximidade pode ser agravada com o novo mapa geográfico e a consequente redução de freguesias. Vão desaparecendo os pontos de contacto. As estações de correio já foram, há muito... Os lares de acolhimento precisam de apoio e vigilância reforçada, feita por gente sensata, claro! Não há muito tempo atrás, os Lares de acolhimento de crianças e jovens eram “vasculhados” quase de forma persecutória... Que são muitos idosos, na sua maioria, senão grandes crianças desprovidas de defesa e protecção?

Segundo a fonte noticiosa, atrás

citada, decorre até ao fim de Fevereiro a, assim chamada, Operação Sénior, a qual visa actualizar os dados existentes relativamente aos idosos que vivem sozinhos e isolados. Tais censos consistem em patrulhas de militares, organizadas e bem estruturadas, que vão por esses montes fora, monitorizadas por GPS, ao encontro de casos devidamente assinalados. Por vezes, é tão somente a necessidade de uma palavra de alguém, uma voz amiga do outro lado do telefone, o que pretendem os idosos no seu contacto.

Todos conhecemos o papel de relevo que os grupos paroquiais, vicentinos, caritas e outros designados de emergência social, desempenham na solução de tantos problemas que se abatem sobre as famílias que têm crianças, idosos e deficientes a seu cargo, no clima de austeridade que nos envolve. A Igreja tem tomado a dianteira, procurando ser fiel ao lema inscrito no seu ADN: «A caridade é o vínculo da perfeição». □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Com graça temos diante de nós o rosto sereno do Amadú, um rapazito, de 8 anos, chamado ao bloco operatório por patologia cardíaca. Foi sujeito a uma operação por uma conceituada equipa, no Centro de Cirurgia Cardiorrástica, dos Hospitais da Universidade de Coimbra. Antes, confiante, perguntou: — *É o Sr. Dr. Manuel Antunes que me vai operar?* Depois, nos cuidados intensivos, o Cirurgião afirmou-nos: — *Parece que está curado!* Na verdade, a pessoa humana olha as aparências e o Senhor vê o coração! Ter um coração bom é importante, mas é determinante ter bom coração ao longo de toda a vida.

Este menino tem recuperado bem e, mesmo com restrições de líquidos, ficou radiante quando soube que na fonte da sua Casa tinha voltado a jorrar água com abundância. Excelentes cuidados recebeu; e, porque tinha dificul-

dade em falar na ocasião, aproveitamos para testemunhar aqui, também, a nossa gratidão!

Interpelador foi ainda o testemunho da mãe de uma pequenina, na mesma enfermaria, que ainda ficou, mas já a sorrir. Partilhou-nos a sua alegria e coragem por dar à luz uma menina débil, com diagnóstico reservado nos primeiros meses de gestação... Na verdade, dos frágeis, que não são fracos, há-de também rezar a história.

Para que a vida seja verdadeiramente humana, é um grande dom mexer e mergulhar no milagre da

vida, com respeito pela dignidade humana, para que a nossa sociedade se levante. A ciência não colide com a fé. Se houver cuidados de saúde acessíveis aos mais pobres e que promovam a vida, tendo no centro os mais frágeis, a nossa civilização revela aí a sua grande força, que está nos antípodas do poderio militar.

Tão enfermoço que anda o nosso mundo, de valores morais, não se pode esquivar ou esconder o seu tesouro: os mais frágeis. Está aí, ao seu lado, uma tábuca de salvação para a crise em que não queremos naufragar. □

PENSAMENTO

Pai Américo

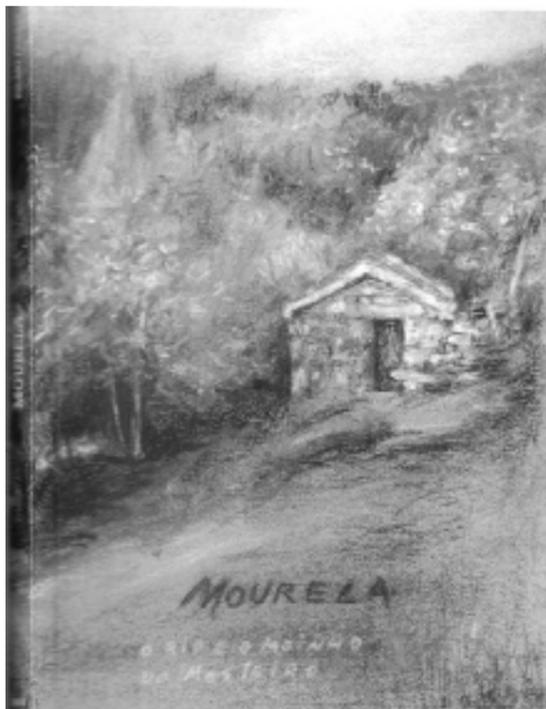
Não tenhas medo dos tempos, nem dos homens nem das guerras nem das leis. Não digas tu que «as coisas estão feias», como soe fazer a misericórdia que não sabe levantar os olhos do chão. Olha para a Beleza Incrédula que não sofre mutação. E confia. □

«Estas notas que te deixo, nasceram lá no meio das carquejas e urzes floridas», assim nos abre a porta o Autor e nos convida a penetrar no *Mourela*, o segundo título editado pelo nosso Padre Telmo Ferraz — e segue no mesmo estilo do primeiro: *O Lodo e as Estrelas*.

Escrito durante o tempo que viveu no Moinho do Mosteiro de Santa Maria de Júnias (Gerês), em poesia e prosa poética, o Autor *desenha-nos* a montanha Viva, através das gentes serranas e da beleza dos quadros da Natureza — ora sorridente e límpida, ora exaltada e vozeirona; tal-qual o *momento* do Poeta. Sobretudo, convida-nos a entrar pelas veredas do coração e da inteligência ao encontro d'Aquele que é a Vida Toda. E é, também, um gesto de agradecimento às pessoas de Pitões das Júnias que com carinho o acolheram e trataram.

Da tiragem inicial, restam alguns exemplares para atender às solicitações dos nossos Amigos e Leitores, pelo que convém o pedido para: *Casa do Gaiato, Lugar do Mosteiro, 4560-373 Paço de Sousa*; pelo telefone 255752285; pelo e-mail: *obradarua@iol.pt* — o mesmo para quaisquer informações que julguem oportunas.

Júlio A. B. Fernandes



DOCTRINA

Pai Américo



Falsos mendigos

OS jornais d'hoje faziam larga reportagem de um caso de falsa mendicância, no Porto, tendo a Polícia encontrado na casa do falso mendigo dinheiros e oiro e uma caderneta do Banco, tudo a passar de quarenta contos. Casos assim são muito falados; mas ele há muitos mais em franca existência, desconhecidos e alimentados por nós outros. Sim, por nós. Aquele oiro, aqueles dinheiros, aquela avareza, tudo aquilo é obra nossa.

AQUI, nas redondezas, há cinco concelhos de pouca superfície e intensa população, com suas feiras mensais. Eu digo os nomes deles: Penafiel, Paredes, Marco de Canaveses, Paços de Ferreira e Lousada. E dentro de alguns deles, há também freguesias aonde se realizam outras feiras. De sorte que, a bem dizer, temos por aqui em cada dia sua feira. À entrada delas e nas bermas das estradas, vêem-se os mendigos com seus aleijões, suas feridas, suas lamúrias. São magotes. São caravanas. Como são muitas as feiras e curtas as distâncias, eu fiz uma exploraçãozinha no Morris e descobri que são os mesmos pobres a fazer as mesmas feiras; e é igualmente o mesmo povo a concorrer para o alimento e aumento da miséria. Nenhum pobre dos que eu topei, precisa. As pústulas são falsas ou exageradas. As cantilenas, mentirosas. As crianças não lhes pertencem. A maior parte é gente nova e válida. São feirantes. Simplesmente feirantes. De muitas maneiras e por muitos títulos se vai aos mercados destas vilas e lugares; porém, a mira é cada um em seu negócio. Pois eles também. Estes chamados pobres, vão às feiras negociar. Muitos deles conversam, escolhem terrados, fazem sociedades, dividem os lucros. São feirantes. Se falam, mentem. Se rezam, muito mais. Se exibem chagas, oh! mentira! É uma praga. Praga consentida, procurada; o povo chama por ela. O nosso povo gosta, anima, encoraja esta praga social: «Tome lá. Aqui tem.» E isto é tão multiplicado e sordidamente guardado, que ocasiona agora e logo a interferência da Polícia.

ORA a esmola é um dom de Deus. Faz bem a quem a dá e faz bem a quem a recebe. Nunca a força pode ser chamada para dirimir o Bem — nunca. Logo, temos que estes feirantes são falsos e falsificam as chamadas esmolos que o povo lhes dá. Como proceder? Educar o povo. Educar os senhores mai-las senhoras. Plantar-lhes no ânimo uma santa repugnância e a fortaleza de resistir a esta classe de *pobres*, sem respeito por ninguém. Esteja quem estiver, digam o que disserem; seja como for. Não se dá e acabou. Resultado? Esta classe de *pobres* desapareceria dentro de pouco tempo. Tinha naturalmente de desaparecer por falta de clima. Tomariam outras iniciativas, pelos seus próprios meios e forças. Era a limpeza. Era o decoro Social. Nem chagas postiças, nem crianças alugadas, nem aleijões explorados.

NÃO continuaríamos nós outros a ser participantes neste Mal e ficaríamos com espaço aberto para tratar do Pobre. O Pobre envergonhado e verdadeiramente necessitado. A esmola vicentina. A riqueza inenarrável da visita ao domicílio, aonde tudo fala verdade. Nunca nos hão-de faltar Pobres. Não é preciso fazer Miseráveis.

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

— *Não tenho, não posso* — respondi-lhes e fui à vida. Ao sair encontrei, escondido, um carro com um homem lá dentro. Parei. Dirigi-me ao cavalheiro e perguntei se desejava algo.

— *Sim, estou à espera da minha mulher que foi falar com o padre.*

— *Qual delas é? A gorda ou a magra?*

— *É a magra* — disse-me descontradadamente.

— *Então ela vem chorar-me que você tinha ido para Angola e, afinal, está aqui.*

Veio esconder-se para quê?! Não vê que a Casa do Gaiato não tem portão? A gente entra lá dentro e, com verdade, diz o que é. Assim, não.

Aquele aviso do gaiato ajudou-me a discernir e evitou que me condoesse, caíndo na esparrela de socorrer quem me vinha enganar. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Esperança renovada

QUANDO será possível? É a pergunta que exprime a grande afição que levo no meu íntimo. Um número grande de rapazes, com mais de 21 anos, aguardam o seu emprego. Está muito difícil. É, contudo, uma condição básica para entrarem na sua autonomia, com o mínimo de segurança e dignidade. Entretanto, os seus lugares ocupados, em nossa Casa, não permitem a circulação de vida nova, com a entrada de novas crianças abandonadas, à espera das portas abertas. Aqui está uma vertente do motivo da nossa afição. Andamos, dum lado para o outro, ao encontro das empresas que possam dar à Casa do Gaiato esta ajuda insubstituível.

Na semana passada, surgiu uma esperança renovada. Tivemos um encontro feliz com a direcção duma empresa, de impacto social muito importante. O interesse da ajuda foi tão notável que o próprio director quis ver e sentir, em nossa própria Casa, a urgência do apoio solicitado. Resta-nos, agora, esperar a decisão final. Quem dera não nos falte este tipo de ajuda, na hora oportuna, por causa dos bons frutos que produz. O padrão

familiar que rege o nosso projecto de vida pede-nos que mantenhamos os filhos, dentro da nossa Casa, até que tenham condições de vida autónoma, normalmente. Há excepções, como é natural, na vida ordinária, mesmo familiar.

Tenho, diante dos meus olhos, o mapa de Angola. O meu coração quer ir a todos os cantinhos, ao encontro da multidão de filhos que nascem, mas não são acompanhados e animados pela vida do amor. O convite que a autoridade política e social nos fez para avançarmos, ao encontro destas crianças, não pode ser cumprido. Faltam os seguidores deste caminho. São as vocações que não aparecem. Seria um testemunho maravilhoso do amor maternal de Deus Pai para com os mais pobres e abandonados, na sociedade. O mundo novo necessita, com urgência, deste sopro vital. Oxalá cada um de nós, no lugar e missão que nos foi confiada, respiremos o amor aos nossos irmãos. Eis um lindo testemunho, traduzido com muita simplicidade: «É sempre com grande alegria e satisfação que recebo O GAIATO. Leio e releio com muito prazer. Ao ler o último jornal, quis logo escrever para aí, mas só agora

tive oportunidade. Segue um cheque (cinquenta euros), com pena de não poder enviar mais. Faço votos de continuação de Boas Festas e que o ano de 2012 seja de Paz, saúde e Alegria». É o donativo duma Maria. É o óbulo verdadeiro da viúva do Evangelho. O amor é capaz de fazer maravilhas nos corações humildes e inquietos, perante as necessidades dos irmãos. Assim aconteceu com esta oferta.

As passagens, mais ou menos prolongadas, de grupos de crianças, adolescentes e jovens, pela nossa Casa, são frequentes. Desta vez, dois conjuntos vieram de Luanda e passaram alguns dias, acampados, em tendas, ao ar livre. É uma oportunidade para conhecerem outros filhos que vivem em nossa Casa. Levam uma inquietação saudável, no regresso à sua terra. Dão conta da riqueza humana, escondida em muitas crianças, adolescentes e jovens que vêem nas ruas. Se houver quem lhes tenha amor, tornar-se-ão pesos vivos na sociedade. É a sementeira que o nosso testemunho quer fazer nos seus corações. Esta experiência, no contacto real com os filhos da nossa Casa, é geradora de amor para com os filhos da rua que encontram, no dia-a-dia da sua vida normal. A sua estadia connosco é, sem dúvida, um benefício mútuo.

Votos da continuação dum ano cheio de Paz, Alegria e Esperança! □

SETÚBAL

Padre Acílio

O Vasco

Foi proposto, pela Escola Profissional de Setúbal, que frequenta, para ir fazer um estágio à Alemanha. Tudo assumido e pago pela Escola, numa pareceria com entidades germânicas.

De comportamento irrepreensível o nosso rapaz, dedicou-se ao estudo e à atenção das aulas, com unhas e dentes. Alcançou, assim, um topo que o guindou a esta glória e ganhou para a Casa do Gaiato semelhante exaltação.

Tendo respondido de forma satisfatória à obrigação que lhe pedi o ano passado, para tomar conta na praia, do grupo dos rapazes mais velhos, foi proposto no senado dos chefes da Casa, como elegível ao cargo de chefe-maioral. Não ganhou as eleições mas ficou em segundo lugar como sub-chefe. Entregou-se-lhe então o cuidado da casa 3, onde habitam os pequenos, logo a seguir aos «Batacinhas» da Casa-Mãe, e onde tem desempenhado com aprumo o cargo de irmão mais velho, solícito com todos.

O estágio vai durar um mês. A sua ausência traz-nos um problema: — Quem o irá substituir na Casa 3?

Já por duas vezes, o Santiago o revezou sem melindre, com humilde generosidade. Atitude que muito o dignifica, revelando maturidade e enchendo-nos o coração de alegria.

Santiago não possui os dons do Vasco, é rico de outros. Esta é ainda uma oportunidade para que evidencie os seus dotes e a sua perícia. Diz-se que Deus capacita os incapacitados e a experiência confirma que o faz sem qualquer falha quando a humildade é subjacente. «Sem humildade, nada», dizia Pai Américo da sua própria experiência.

A Escola Profissional, é frequentada actualmente por mais três gaiatos. Este pódio, que o Vasco atingiu, é um forte incentivo para cada um deles; e ganhou na escola algum prestígio, o qual para nós é inestimável.

Casamento

Fui no dia 7 presidir à celebração de um casamento de alguém que nos tem acompanhado desde pequenina.

O lugar eleito foi a Igreja Paroquial de Palmela. Um templo de rara beleza revestida de azulejos seiscentistas, talha dourada e cantarias de pormenores requintados.

A Igreja estava mais ou menos composta de gente. Muita que me era quase familiar, por ter feito com eles os convívios fraternos. Foi um gozo magnífico encontrar-me com eles já mais maduros e com os seus filhos, alicerçados no amor cristão.

É tão exultante contemplar famílias ainda jovens, felizes na sua indissolubilidade e na fiel determinação de amor mútuo, aconchegando os filhos com exemplos eloquentes da Presença Divina no seu seio.

Naturalmente que lhes falei da revelação do mistério de Deus que celebravam e se comprometiam a descobrir, diariamente, na própria vida. Mas o que mais me encantou e surpreendeu, pela beleza e desassombro de fé, foi a atitude da noiva, antes da refeição festiva. Toda a gente se tinha sentado à mesa e a conversa ia-se animando descontraidamente enquanto se esperava o primeiro prato.

A noiva levanta-se do seu lugar faz silêncio e, em alta voz, convida à oração: — *Vamos pedir a bênção de Deus pela nossa refeição e dar-Lhe graças por este alimento.*

Eu nunca tinha sentido, num casamento, uma atitude tão linda. Fiquei assombrado de alegria e toda a gente gostou e rezou.

Logo de seguida fui celebrar a Santa Missa a uma comunidade piedosa e, enquanto me paravam, confidencieei para meia dúzia de homens que me rodeavam: — *Eh pá, eu vi hoje uma coisa tão bonita que nunca vira em toda a minha vida.* E contei. Resposta de todos espontaneamente ao mesmo tempo: — *Eu também nunca vi.*

Ficamos todos admirados com o nosso espanto quando ele, devia ser, em primeiro lugar, um acto de penitência.

Mas então? Um casamento não é, por si só, um grande convite a fazer tudo na vida como uma oração? Não se entregam os noivos um ao outro como Deus se dá a nós? Não devemos, por consequência, pôr Deus presente logo no primeiro acto oficial que é a boda?

Mas quê? Ninguém reza. Em qualquer parte, em casamentos ou restaurantes rezo sempre, e às vezes, ostensivamente, mas vejo muito poucas pessoas a dignificar a sua fé com a oração antes e depois de comer.

A quantas bodas matrimoniais eu tenho assistido, de rosto ao rubro, por que se começa a comer e se interrompe a refeição com batimentos nos pratos e nos talheres, de forma ensurdecadora e pressionante, para que os noivos se beijem publicamente, e todos *gozem o espectáculo*, sem qualquer reclamação ou censura, manifestando um paganismo feroz e aviltando, assim, a dignidade dos noivos? Quantas? Tantas que até parece comum e ridiculamente digno!

Depois queixamo-nos da inconsistência do casamento!

A noiva é doutorada e Professora numa Universidade em Paris. Possui alguma ciência, manifesta competência, mas é, sobretudo, uma mulher de fé. Os noivos beijaram-se na Igreja, quando deram a paz, na Eucaristia. Eu não estive quase tempo nenhum na boda, mas de certeza que a dignidade da noiva se impôs com tal força que ninguém se atreveu a bater os pratos. □

MALANJE

Padre Rafael

Mestre, onde moras...

MUITAS vezes, ao longo da minha vida, perguntei: onde moras? Alguns diriam que no meio do mundo, na Criação, no meio dos Pobres... Passaram toda a tarde com Ele e decidiram ficar para sempre. Não sabemos porque acontece, mas há tardes que não se esquecem e nos fazem mudar o rumo das nossas vidas. Quando Alguém converte a tua vida, transforma-se a tua casa, e já não podes viver sem Ele...

Pouco a pouco, terminam os dias de férias e alguns estão a anteciper o regresso, porque encontram

muitos problemas na sua família natural. Para aqueles que ficaram em Casa, aproveitámos para melhorar a sua alimentação e as merendas diárias.

Fausto, o nosso *sal*, foi a Benguela preparar os documentos para viajar para Portugal na companhia do Padre Telmo. Nasceu com uma má formação e só vê por um olho. Na última consulta avisaram-nos que o outro olho corria perigo e que poderia ficar completamente cego. Neste momento, já está a perder a visão. Ele gosta de futebol e, apesar de um pouco gordito,

considera-se fã do Fernando Torres. Sempre me tem informado das andanças do Saragoça e o melhor que sabe, é contar histórias tradicionais de Angola e fazer uma versão do *Fausto*.

Outro dia, chamámos o Luís que o acompanhou a Benguela e nos informou que lhe havia dado um enfarte num dos hemisférios cerebrais e, em consequência, uma paralesia lateral. Aparentemente a própria família não quis tomar conta da situação e é o próprio Luís que tem tomado conta dele durante este tempo. Já avisámos Padre Manuel para que, desde Benguela, acompanhe o Fausto.

Catete está a reactivar a serralharia e estão a aparecer trabalhos para fora. Nós, continuamos com a exploração de madeira e com a carpintaria... Noutra tempo, pedíamos ajuda a Portugal, mas sabemos das dificuldades porque passam e que outras realidades de África exigem um maior apoio. Graças a Deus temos saúde e sabemos que ela é a nossa força de todos os dias.

Angola prepara-se para as Eleições Presidenciais, a realizar no mês de Setembro. Em Malanje, a maior parte dos jovens dedica-se a fazer *táxi* com motas e a vender pelas ruas. Não se vê nenhuma empresa e a tensão aumenta de dia para dia. O consumo de álcool e a desesperança, também. É neste ambiente que temos de criar os nossos Gaiatos. □

SINAIS

Padre Telmo

PISO um tapete cor de vinho. Não sinto os meus passos. Sento devagarinho no sofá castanho que a menina indicou.

Espero entrevista com Senhor director. Ele tem poder. Pode aliviar os meus passos nos carreiros sinuosos desta sociedade.

A menina manda entrar. É um requinte... sento-me, indefeso. Ele que me conhece. Conhece a nossa Obra; e tem gosto em ajudar.

Sai um pouco confuso. Sinto que me baralhei com o poder e a força...

Que o Senhor me perdoe. Uma só coisa me deve bastar — a Sua Beleza e Poder. Todo resto são as maravilhas que pisamos.

* * *

Mariolas são sinais que indicam o caminho. Elas, como setas — sinais indicadores — também de igrejas e seitas.

Desde Luanda, ao Benfica e a Viana, é um mar de condomínios, de casas luxuosas e mar de cubatas.

Raros os indicadores de Igrejas cristãs. Nem um só da católica!

Daremos contas do talento que ali estamos enterrando... haverá um só presépio no mar de cubatas — sinal de fé e de esperança!

Quando Jesus nasceu, foi só um presépio em todo o mundo — e nasceu o amor, a esperança e a fé.

Talvez haja um, numa cubata humilde... Seria maravilhoso. □